

O anti-darwinismo católico na imprensa brasileira durante a segunda metade do século XIX

Raick de Jesus Souza
Universidade Federal da Bahia
Salvador - Bahia - Brasil
raickdjs@hotmail.com

Resumo: O presente artigo¹ discute a repercussão das ideias darwinianas e darwinistas na imprensa católica brasileira da segunda metade do Oitocentos, enfatizando o debate anti-darwinista defendido pelos agentes eclesiásticos. Evidenciaremos, além dos textos, os contextos sociais e culturais nos quais o darwinismo foi recepcionado, demonstrando suas adaptações às necessidades internas. Uma das principais características da imprensa no século XIX era formar e informar o seu público consumidor. Dessa forma, este estudo auxiliará na compreensão do darwinismo que era informado e que se buscava formar nas mentes de seus leitores. Acreditamos de antemão que os clérigos brasileiros, tais como a intelectualidade laica, estavam cientes das principais novidades que animavam o campo científico e intelectual internacional, entretanto, detinham um conhecimento parcial das ideias evolucionistas, especialmente com relação às teorias darwinianas, o que não os impedia de inserirem-se no debate.

Palavras-chave: Anti-darwinismo. Charles Darwin. Imprensa católica.

Introdução

Durante o século XIX, uma série de transformações sociais e culturais modificaram sensivelmente a face do Brasil. No decorrer desse mesmo período, especialmente durante a sua segunda metade, surgiu no seio da intelectualidade brasileira uma disputa que até hoje anima diversos grupos e indivíduos, divididos entre contrários e admiradores, a saber: a oposição entre as ideias *criacionistas* versus *evolucionistas*. O objetivo principal desta investigação é compreender como ocorreu a recepção das teorias de Charles Darwin² nos jornais clericais brasileiros entre os anos

¹ Este trabalho é um desdobramento de minha pesquisa de mestrado cuja dissertação *O velho e o novo na obra de Aluísio Azevedo: Os usos da ideia de luta pela existência nas crônicas de O pensador (1880-1881) e O cortiço (1890)* foi defendida no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde – PPGHCS da Casa de Oswaldo Cruz – COC/FIOCRUZ

² Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um dos mais importantes naturalista, geólogo e biólogo inglês do século XIX, autor de obras célebres como *On the origin of species by Means of Natural selection, or the preservation of favored in the struggle for life* (1859) e *The descent of man, and selection in relation to sex* (1871). É considerado um dos maiores expoentes evolucionistas a partir de seu aprofundamento nos estudos sobre adaptação e competição das populações.

de 1873 e 1889, ressaltando os autores envolvidos, suas inserções no debate e a repercussão que essas ideias tiveram na cena cultural.

A princípio, duas questões merecem explicações: a definição de “jornais clericais” e o recorte temporal estabelecido. Consideramos “jornais clericais” os periódicos produzidos por agentes da Igreja Católica e que eram destinados diretamente para os indivíduos que professavam a religião católica – principal sustentáculo espiritual do regime imperial. A justificativa para a delimitação temporal é o aparecimento das primeiras ocorrências das teorias darwinistas nos jornais clericais até aqui arrolados. A delimitação final do ano de 1889 seguiu a ruptura política ocorrida no Brasil, com a transição entre o regime Imperial para o Republicano, tendo a Igreja Católica perdido provisoriamente o principal apoio governamental para sua manutenção, mesmo que tenha mantido o seu prestígio e poder perante a sociedade civil. Dessa forma, a delimitação inicial sugere o “início” das ocorrências no campo jornalístico católico, enquanto que a delimitação final segue os condicionantes políticos que atravessavam a sociedade brasileira: o fim do regime Imperial e o término da hegemonia política da Igreja Católica frente aos interesses do Estado.

Usarei como base a ideia de pensamento *darwiniano* e *darwinista*, como sugerido por Peter Bowler (1992)³, a fim de afastar quaisquer incoerências com relação ao pensamento de Darwin (darwiniano) e de seus seguidores (darwinistas). O evolucionismo darwinista foi certamente a maior revolução paradigmática do Ocidente, ocorrida na segunda metade do século XIX. Porém, a circulação das ideias fez surgir o que qualificamos como darwinismo darwinista, ou seja, ideias criadas a partir da interpretação e adaptação das proposições defendidas pelo naturalista inglês. É durante esse momento que surgiram os anti-darwinianos e anti-darwinistas, estando os agentes clericais e parcelas substanciais dos fiéis católicos relacionados com esses dois últimos grupos.

Em nossa primeira tabela, vemos o crescimento exponencial que as ideias ligadas ao darwinismo tiveram na cena jornalística brasileira nos últimos anos do período imperial.

³ Peter J. Bowler (1944) é um historiador da biologia, com obras no campo do pensamento evolutivo, das ciências ambientais e da história da genética. Formado em Cambridge, desde o início de sua carreira vem trabalhando com o Darwinismo e sua circulação pelos campos científico e intelectual.

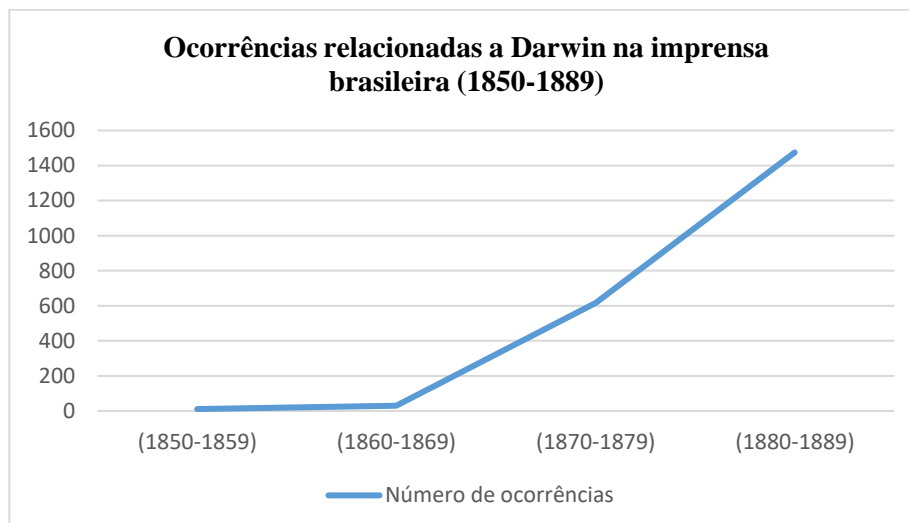


Figura 1: Ocorrências relacionadas a Darwin na Imprensa brasileira (1850-1889);
 Fonte: Dados coletados a partir da busca por palavras realizada no Banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Ao cotejarmos os periódicos disponíveis no banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (figura 1), percebemos o forte interesse que as teorias darwinianas e darwinistas suscitaram nos intelectuais brasileiros, entre eles os agentes eclesiásticos, ferrenhos opositores das “novas ideias”. Com relação a década de aparecimento de *On the origin of species* (1859), entre os anos de 1850 a 1859, de um total de 444 conjuntos analisados,⁴ encontramos somente 11 ocorrências para teorias darwinistas, proveniente apenas de 7 periódicos, sendo que desse total nenhuma era oriundo de jornais clericais. O mesmo se verificou com relação a década seguinte, seguindo o recorte de 1860 a 1869, de um total de 616 conjuntos, encontramos 30 ocorrências, novamente nenhuma proveniente de jornais clericais, oriundas de 17 periódicos diferentes. As primeiras ocorrências darwinistas em jornais clericais apareceram entre os anos de 1870 a 1879. De um total de 967 conjuntos, encontramos expressivas 617 ocorrências, de um total de 130 jornais diferentes. O jornal clerical que mais debateu acerca das teorias darwinistas foi *O apóstolo: Periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade*, publicado no Rio de Janeiro, sob a redação chefe do Bispo Diocesano.⁵ Além desse jornal, *A boa nova: Tudo o que for verdadeiro, honesto, justo, santo, amável repercutiu* algumas vezes as ideias entre 1878 e 1879 e *O santo officio* durante 1877, ambos paraenses. Outro periódico

⁴ A quantidade exata de periódicos é imprecisa, uma vez que, sua organização é descontínua.

⁵ D. Antônio de Macedo Costa (1830-1891) foi Arcebispo Primaz do Brasil, título honorífico ao Arcebispo de São Salvador. Para mais informações, ver: MARTINS, 2002.

clerical envolvido no debate foi o paulista *O bem público: Jornal catholico, scientifico, e litterario*, que entre os anos de 1876 e 1877 adentrou na disputa envolvendo criacionistas e evolucionistas.

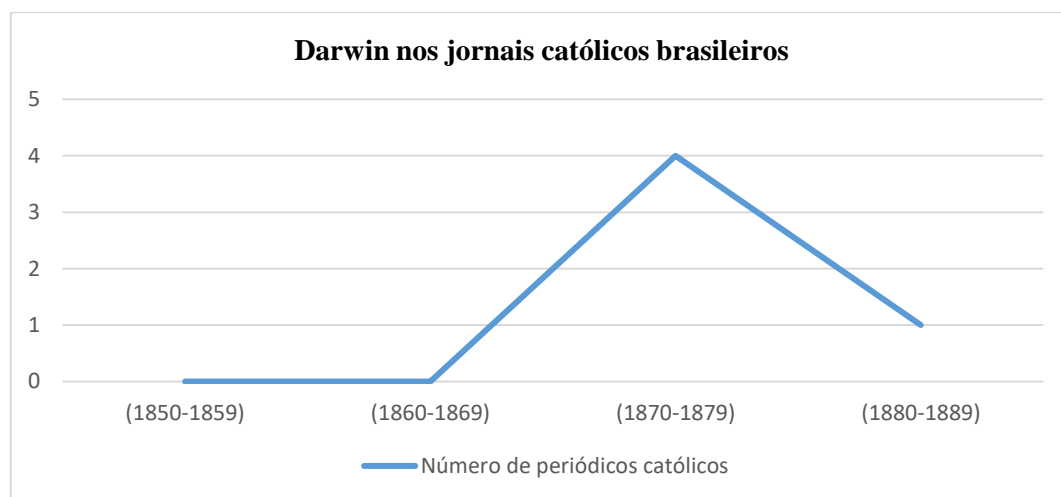


Figura 2: Darwin nos jornais católicos brasileiros

Fonte: Dados coletados a partir da busca por palavras realizada no Banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Os dois gráficos apresentados acima mostram o crescimento da discussão em torno das ideias de Darwin na imprensa brasileira e a participação da imprensa católica nesse debate. Com relação a década final do regime imperial, ou seja, entre 1880 a 1889, de um total de 1576 conjuntos, encontramos 1475 ocorrências, provenientes de 241 jornais diferentes, novamente tendo *O apóstolo...* aparecido como principal veículo católico de oposição darwinista, estando fortemente envolvido no debate entre *criacionistas* e *evolucionistas* entre os anos de 1873 a 1900, ou seja, por quase três décadas.

Estes dados requerem uma breve consideração. O aumento expressivo das ocorrências das ideias darwinistas segue também o aumento no número de jornais em circulação; porém, o aumento do interesse acerca das teorias darwinistas parece estar ligado a outros fatores, especialmente sociais e culturais. Ao longo desta investigação demonstraremos mais detalhadamente o crescente interesse que as ideias formuladas por Darwin suscitaram nos cientistas, intelectuais, políticos e agentes públicos. Uma hipótese inicial que gostaríamos de verificar é a de que o interesse dos agentes eclesiásticos em se opor às ideias darwinistas está ligado à emergência das “novas ideias” no campo científico e intelectual e os riscos de corrosão das bases do poder cristão que as mesmas ofereciam.

Mesmo que os clérigos não tenham sido os primeiros antagonistas, foram certamente os que mais se opuseram às ideias evolutivas propostas por Darwin, caracterizando-se assim como um movimento entusiasmadamente anti-darwinista, uma vez que eram os que mais tinham a perder com a disseminação e aceitação dos novos postulados. Vejamos agora como as teorias darwinistas foram recepcionadas pelos agentes eclesiásticos ligados à imprensa periódica brasileira.

O anti-darwinismo na imprensa católica: Textos e Contextos

São inúmeros os argumentos que poderiam ser acionados para caracterizar os clérigos brasileiros como anti-darwinistas, entretanto, a fim de afastar quaisquer concepções pré-estabelecidas, tendo como base a oposição entre *criacionistas* e *evolucionistas*, buscaremos no próprio discurso dos agentes eclesiásticos os argumentos que sustentam essa afirmativa de oposição do clero brasileiro às novas ideias.

Na edição de 9 de abril de 1875 de *O apóstolo...*, foi reproduzida a Carta Pastoral, de autoria de D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Grão-Pará, na qual o autor dirigiu-se ao “Clero e fieis do Pará e Amazonas”, informando sobre a proclamação do jubilo do *Anno Santo*, de Pio IX.⁶ Ao longo do texto é possível entrevermos quais eram os principais objetivos do agente eclesiástico: reafirmar a posição que o Papa devia exercer frente ao mundo católico e defender os dogmas cristãos; atacar as teorias ateístas, materialistas e positivistas, sobretudo aquelas oriundas de Augusto Comte,⁷ Darwin e Buckner.⁸ Considerou as novas ideias corruptoras da mocidade e nocivas para a preservação da fé católica. Condenou especialmente a Maçonaria e os seus seguidores.

Não temos visto, em algumas de nossas academias ensinar-se abertamente o materialismo? Não há professores que ousam inculcar na mocidade as obras de Augusto Comte, Darwin, Buckner e outros ímpios contemporâneos, como a última expressão da ciência, e não anda uma grande parte de nossa mocidade

⁶ Giovanni Maria Mastai-Ferretti, nasceu em Senigália, na província de Ancona, em 13 de maio de 1792, tornando Papa Pio IX, em 16 de julho de 1846, até o ano de seu falecimento, em 7 de fevereiro de 1878. Durante o século XIX, o ano de 1825 foi o único no qual ocorreu a comemoração do Jubileu, comemoração religiosa católica, fundamentada no Antigo Testamento, com periodicidade de 25 anos. As condições políticas da Europa em 1800 haviam impedido a sua realização e o Jubileu de 1825 ocorreu sob intenso temor, uma vez que, a aglomeração poderia suscitar agitação política. Nos anos de 1850 e 1875, novamente, as diversas tensões políticas pela qual atravessavam a Europa, impediram a realização dessa festividade.

⁷ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) foi um filósofo francês, precursor do movimento filosófico conhecido como Positivismo.

⁸ Friedrich Karl Christian Ludwig Büchner (1824-1899) foi um médico alemão, escritor da obra *Força e matéria*, declarado materialista, sendo um dos fundadores da Liga dos Pensadores Livres da Alemanha.

já toda apaixonada por essas funestas teorias do ateísmo, do positivismo, do materialismo o mais degradante? [...] (*O apóstolo...*, 1875, p. 1).

Entre o que qualificava como “ateísmo”, viu na teoria de Darwin, assim como nas ideias dos representantes positivista e materialista, o germe de corrosão do poder espiritual. Ao longo do texto o autor ainda continuou a atacar as conferências públicas, a imprensa anticlerical, os membros da Maçonaria, os agentes eclesiásticos ligados a esta última e o casamento civil entre católicos e maçons. D. Antonio condenou veementemente os defensores da separação entre os interesses da Igreja e do Estado. De acordo com o bispo, dentre as principais consequências da introdução das novas doutrinas estava a corrupção moral do povo brasileiro, em especial da mocidade:

Ah! Diletíssimo filho, e o que há de resultar de tudo isso? Autoridade sem crédito e sem respeito, liberdade sem freios e sem garantias; todos os vínculos sociais afrouxados; desgosto e descrenças gerais; atropelo dos direitos divinos e humanos; corrupção em seu auge; mocidade estragada em flor; família afogada na lascívia; luxo desenfreado; ciência e arte atrasadas ou prostituídas; caracteres flácidos, envenenados, incapazes de generosos impulsos; enfim, decadência espantosa, tudo sobredourado com um véu esplêndido que se chama *civilização moderna*, e que melhor poderia se chamar *civilização pagã* (*O apóstolo...*, 1875, p. 2).

Vemos delineado aí um quadro caótico, onde a ordem estava assegurada a partir da manutenção do alinhamento entre os interesses do Estado e da Igreja Católica. O texto terminou por decretar quatro disposições gerais que deveriam ser seguidas pelos seus endereçados: abertura da comemoração do Jubileu em 1 de maio de 1875; a realização de visitas e orações para o levantamento de fundos; autorização ao Vigário Geral para distribuição das visitas; e recomendação ao clero do cumprimento da sagrada missão católica. Sendo esta última a luta contra as novas ideias, o papel central dos agentes religiosos frente a modernidade. O autor terminou por lamentar sua prisão na Ilha das Cobras, no estado do Rio de Janeiro, local de onde redigiu esta missiva.

Vejam agora melhor os principais acontecimentos ligados à disputa entre a Igreja Católica, a Maçonaria e o Império Brasileiro durante a década de 1870. Em 1872, a pedido de D. Pedro II, Vital Maria Gonçalves de Oliveira foi sagrado Bispo de Olinda, após aceitação de Pio IX. No mesmo ano, o Padre José Luís de Almeida Martins⁹ apresentou uma carta aberta em comemoração à Lei do Ventre Livre na qual, em estilo maçônico, saudou os novos tempos, sendo reproduzida por inúmeros jornais, o que

⁹ Não existem referências conhecidas sobre sua trajetória, sabe-se apenas que foi o causador da disputa envolvendo católicos e maçons brasileiros durante a década de 1870. Ver: <https://bibliot3ca.com/a-questao-religiosa/>.

causou enorme escândalo no interior da hierarquia católica, tendo sido o eclesiástico afastado e acusado de desobediência religiosa. Esse fato gerou enorme descontentamento entre os maçons, unindo-os contra a Igreja Católica. Proliferaram os jornais anticlericais, sendo os bispos os principais alvos das críticas, especialmente os ultramontanos.¹⁰

Com a chegada de D. Vital a Pernambuco o clima piorou, sobretudo após o protesto do bispo contra os ataques feitos pelos maçons à virgindade de Maria. Ainda em 1872 o jornal *A verdade* publicou uma lista com o nome dos cônegos brasileiros filiados à Maçonaria, obrigando D. Vital a tomar medidas enérgicas, tais como interrogatórios e interditos de algumas capelas, tendo uma delas aberto um processo civil contra o bispo. Em 1873 D. Vital recebeu uma carta de apoio de Pio IX indicando como proceder na defesa da fé católica. D. Pedro II não intercedeu no processo, tendo D. Vital sido condenado e encarcerado por mais de um ano; em seguida, foi a vez de D. Antonio Macedo da Costa também ser preso. Este último por ter defendido as ações do bispo e se declarado publicamente contrário ao casamento civil entre católicos e maçons. A libertação dos dois agentes só veio acontecer depois do acordo firmado entre D. Pedro II e Pio IX e com a chegada de Duque de Caxias ao ministério, tendo esse último negociado frente ao imperador o processo de soltura dos condenados.

Vemos que o antagonismo dos agentes eclesiásticos às novas ideias pode ser explicado não apenas pelos fundamentos internos das mesmas, como também pelos riscos e pela rivalidade que seus defensores representavam para a manutenção da ordem, do exercício do poder e do *status quo* do clero brasileiro.

No ano de 1875, no mesmo jornal, apareceu uma nova reportagem intitulada *As célebres conferências*, na qual são retomados os ataques às hipóteses “ateístas” de Darwin. Nessa crônica são refutados os postulados darwinistas de Augusto César de Miranda Azevedo.¹¹

A hipótese de Darwin vai até diretamente ao ateísmo, pois destrói a existência de um Deus criador de todas as coisas.

Portanto, quer como hipótese científica, quer como sistema anticatólico, o Darwinismo é uma doutrina perniciosa, destruidora de nossa crença, e como tal digna de ser repelida a todo o transe (*O apóstolo...*, 1875, p. 2).

¹⁰ Refere-se ao grupo que tinha em Roma sua principal referência pastoral. Movimento surgido no século XIX, que tinha como principal objetivo defender as prerrogativas de poder do Papa em matéria de disciplina e fé.

¹¹ Augusto Cezar de Miranda Azevedo (1851-1907) foi um médico, jornalista e três vezes deputado federal pelo estado de São Paulo (1891-1892; 1896-1897; 1899-1900). Defendeu na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1874 a tese: *Do darwinismo: é aceitável o aperfeiçoamento cada vez mais completo das espécies até o homem?* Iniciou a partir de 1875 uma série de preleções que tinham como objetivo promover o darwinismo na Corte Imperial.

O texto se opõe às considerações feitas pelo médico Miranda Azevedo durante o ano de 1875 nas Conferências Populares da Glória, sendo um dos maiores divulgadores do darwinismo.¹² O autor da crítica jornalística propõe que a divulgação dessa doutrina [darwinismo] devia ser considerada crime, como previsto no Código Criminal, no artigo 278, que previa penas de multas e detenções que poderiam variar de 4 meses a 1 ano de acordo com o grau do delito de quem perturbasse a ordem pública. Aparecem a partir daí uma série de novas crônicas literárias, de autorias desconhecidas, nas quais as críticas às conferências públicas e às ideias ali debatidas aparecem como centrais. Em 26 de maio de 1876, o mesmo jornal publicou uma reportagem, de autoria também desconhecida, refutando as “bases” do darwinismo e em especial do transformismo. Vemos aqui a primeira tentativa de apresentar contradições inerentes aos fundamentos postulados por Darwin, uma vez que, até o momento, a oposição às ideias darwinistas nesse jornal havia sido relacionada com a corrupção moral e social que a divulgação das novas ideias poderia gerar. Agora os argumentos acionados referem-se às supostas contradições internas do pensamento transformista. Lê-se:

¹² Para maiores informações com relação as ideias evolucionistas e da enorme celeuma causada pelas ideias darwinistas nas Conferências Populares da Glória, favor consultar: CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: UNICAMP, 2007 e SOUZA, Raick de Jesus. *O velho e o novo na obra de Aluísio Azevedo: Os usos da ideia de luta pela existência nas crônicas de O pensador (1880-1881) e em O cortiço (1890)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: COC/FIOCRUZ, 2019.

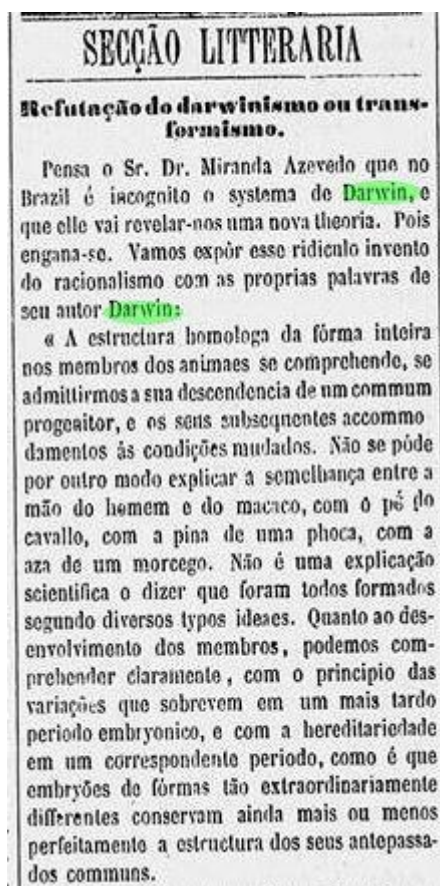


Figura 3: Crônica literária publicada em 26 de maio de 1875

Fonte: *O apóstolo: Periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade.*

Os argumentos que foram utilizados para sustentar esta afirmação e a oposição ao evolucionismo lamarckista e darwinista são de que a reprodução entre seres idênticos mantém os traços originais, enquanto que os “híbridos”, fruto do cruzado de espécies com leves graus de diferenciação tende a não se reproduzir, o que retomaria as formas originais dos quais foram formados, perpetuando assim a invariabilidade das diversas espécies animais e vegetais.

Continuando a interrogar os fatos, podemos demonstrar que os caracteres dos seres organizados foram sempre bem definidos; e daí concluímos contra Darwin que os semelhantes geram sempre os semelhantes, e contra Lamarck que as espécies se conservam sempre invariáveis (*O apóstolo...*, 1875, p. 3).

Ao longo dessa crônica foram utilizados como argumentos de contestação fragmentos supostamente retirados de *On the origin of species*, ou seja, o objetivo era empregar os próprios fundamentos do darwinismo para sua refutação.

Entre os anos de 1875 e 1879, a partir de uma série de reportagens analisadas, identificamos diversos ataques a “hipótese”, “teoria” e “doutrina” de Darwin e de seus

seguidores, considerados, como no caso de Miranda Azevedo, como um autêntico “macaquista”.

Entre os anos de 1880 e 1889 os ataques por parte dos agentes eclesiásticos ligados ao jornal *O apóstolo...* continuaram a animar suas discussões e além de reportagens, começam a surgir também transcrições, poemas e comentários de leitores, o que confirma ainda mais a crescente importância que as ideias evolucionistas assumiram no cenário intelectual mais amplo. Vejamos agora como as ideias darwinistas aparecem em outros periódicos eclesiásticos do mesmo período para, pôr fim, retomarmos o debate envolvendo os colaboradores de *O apóstolo...*

De forma menos frequente as teorias darwinistas aparecem em outros periódicos eclesiásticos. É o caso, por exemplo, do jornal *A Boa Nova: Tudo o que for verdadeiro, honesto, justo, sancto, amável*,¹³ surgido em 1872 na província do Pará. Era publicado em todas as quartas-feiras. O jornal foi administrado pelo cônego Clementino José Pinheiro entre os anos de 1872 e 1877 e a partir de 1878 ficou sob a responsabilidade de diversos redatores, passando a ser publicado aos domingos e por um preço relativamente acessível.

A primeira ocorrência para as ideias darwinistas apareceu de forma indireta na sessão destinada à publicação das correspondências nacionais e internacionais. No dia 19 de junho de 1878 reproduziu-se uma carta supostamente endereçada à redação do jornal, de autoria não divulgada, onde lia-se que,

[...] O movimento científico atualmente volta-se quase inteiramente para as teorias verdadeiras do Catolicismo – As objeções à teoria de Darwin, as contradições de alguns pontos do positivismo, e sobretudo, as leis gerais da biologia, estudadas fisiológica e filosoficamente caminham agora todos para um mesmo fim – verdade da bíblia. Os livros aparecem como por encanto e na maior parte deles vê-se hoje que os espíritos tendem para um mesmo fim, e este fim está em perfeito acordo com as doutrinas da Igreja de Jesus Cristo (*A Boa Nova...*, 1878, p. 1).

Além de demonstrar falta de conhecimento aprofundado das teorias darwinistas e positivistas, o que os levaria a simples oposição entre as teorias de Darwin e Comte dos dogmas católicos, nota-se também a tentativa de manipulação dos leitores quanto aos reais interesses científicos em voga na segunda metade do século XIX, pois mesmo

¹³ A inspiração para o subtítulo é a citação bíblica de S. Paulo, retirada do livro de Filipenses IV, versículo 8. Durante o primeiro ano de circulação, a inscrição referia-se erroneamente ao livro de Colossense, só vindo a ser corrigida na 67ª edição, ou seja, dez meses após o surgimento do jornal. É extremamente curioso como uma referência errada dos textos sagrados passou despercebida pelo seu editor por tanto tempo.

que a origem, a manutenção, os estágios e as finalidades da vida estivessem entre os principais temas científicos, certamente os objetivos em jogo não eram a simples verificação tão somente da legitimidade das “teorias verdadeiras do Catolicismo”, como acima foi expresso. Certamente grande parte da crítica que foi endereçada a Darwin e a Comte buscavam defender os postulados científicos, mas não é conclusivo, mesmo para a década de 1870 supor que essas críticas tendiam a validar os postulados bíblicos. Percebe-se, assim, na narrativa do texto o falseamento da realidade, uma vez que, naquele momento, os valores e certezas do pensamento religioso nunca estiveram tão em xeque.

No mesmo periódico, na edição de 17 de maio de 1879, o Dr. Luiz M. da Silva Ramos,¹⁴ um dos editores, mostrou-se completamente indignado com Guilherme II, imperador da Alemanha, que mesmo após admitir o Papa Leão XIII como “salvador da humanidade”, reconheceu a nomeação de Charles Darwin e Richard Owen¹⁵ como membros estrangeiros da Academia de Ciências de Berlin. Ambos eram abertamente considerados, segundo Ramos, como os dois mais expressivos materialistas europeus, antagônicos aos preceitos religiosos. Essa reportagem, mesmo que marginal na compreensão da recepção do darwinismo no campo intelectual brasileiro, mostra que no plano social havia tensões que estavam diretamente ligadas às validações sociais de determinados conjuntos de pensamento. Dessa forma podemos ver que a oposição entre *criacionistas* e *evolucionistas*, qualificados esses últimos também como *transformistas*, *ateístas* e *materialistas*, extrapolavam a esfera intelectual para a social.

Em 1 de novembro de 1879 encontramos uma amostragem do alarido que as teorias darwinistas exerceram entre os intelectuais religiosos:

[...] Suponhamos que o mr. Paulo Bert é já o ministro, que o programa do ensino se modificou completamente, e que o Estado, único professor da universidade, inaugurou o bacharelado do positivismo e do livre pensamento. Eis aqui qual seria um dos capítulos do programa dos exames.
Examinador – Jovem cidadão, vamos ao exame de história. Pode dizer-nos algumas coisas sobre a criação?
Discípulo – Seguramente, sr. professor.
E – Quem criou o mundo?
D – Uma sociedade comercial dirigida por mr. Philipart.
E – Perfeitamente. Não interveio aí também mr. Lesseps?
D – Também. Assim como uma numerosa sociedade de sábios e industriais.
E – Em quantos dias criou-se o mundo?
D – Em sete [...]

¹⁴ Não existem informações seguras sobre esse personagem.

¹⁵ Richard Owen (1804-1892), é considerado um dos maiores naturalistas ingleses da Era vitoriana, responsável pela aplicação do termo “dinossauro” pela primeira em 1842. Além de biólogo foi também anatomista comparativo e paleontólogo.

E – Vejamos agora o que se fez no quinto e no sexto dia.

D – Mr. Darwin, que já existia, veio e criou a sua imagem o orangotango, chamado Jockó ou o macaco do Brasil. Este foi o primeiro homem [...] (*A Boa Nova...*, 1879, p. 2).

Em tons jocosos, na subseção intitulada *Tem graça*, o autor acusou os editores de *O fígaro*,¹⁶ de atacarem as “leis do ensino” – leia-se essa última como as doutrinas católicas. Nessa curiosa sátira, é possível entrevermos alguns dos principais preconceitos com relação à teoria darwiniana, especialmente no que diz respeito à proximidade símica da espécie humana. Analisando as ocorrências para as ideias darwinistas em *O fígaro*, entre os anos de 1870 e 1879, não encontrei a reportagem citada pelo jornal *A Boa Nova*, sendo provável que a mesma tenha sido criada pelos colaboradores deste último jornal, como forma de ataque ao primeiro.

A disputa envolvendo *criacionistas* versus *evolucionistas* havia se iniciado anos antes, ainda dentro do seio da intelectualidade europeia. Lembremos, pois, por exemplo, que no mesmo tom jocosos, em um evento ocorrido na Inglaterra durante o ano de 1860, na Universidade de Oxford, o Bispo Samuel Wilberforce questionou Thomas Henry Huxley¹⁷ sobre sua origem símica: “através da sua avó ou do seu avô” que ele [Huxley] “alegava a descendência de um macaco?”. A resposta causou enorme comoção no meio científico-intelectual, sendo Huxley considerado o vitorioso nesse debate ao alegar que, se a questão é se ele preferiria ter um macaco miserável como avô ou um homem altamente favorecido pela natureza que possui grande capacidade de influência, mas mesmo assim emprega essa capacidade de influência para introduzir o ridículo em uma discussão científica séria, que ele não hesitaria em afirmar a preferência pelo macaco.¹⁸

Um dos argumentos largamente defendidos pelos criacionistas desde Alfred Wallace era de que, dado as altas qualidades físicas e intelectuais humanas, era presumível supor que sua origem estivesse diretamente ligada à vontade criadora de um ser superior, não sendo possível aceitar seu parentesco com nenhuma outra espécie viva existente ou já extinta, especialmente com relação aos primatas.

¹⁶ *O fígaro: Folha ilustrada* era um jornal satírico publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1876 e 1877.

¹⁷ T. H. Huxley (1825-1895) foi um biólogo britânico, conhecido como um dos maiores defensores públicos das ideias de Darwin. Recebeu por conta disso a alcunha de Buldogue de Darwin, por se considerar o defensor do naturalista.

¹⁸ O episódio encontra-se descrito em LA COTARDIÈRE, Philippe de. *História das ciências: Da antiguidade aos nossos dias*. Vol. II. Lisboa: Texto & Grafia, 2010. Com relação as interconexões entre o pensamento de Darwin e Huxley, recomenda-se o trabalho: PORTO, Gabriel Pereira. “O buldogue de Darwin”: A interconexão entre agnosticismo e evolução em Thomas Huxley. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Florianópolis: UFSC, 2010.

Dessa forma, é lícito afirmar que a utilização pejorativa dos termos “macaquismo”, “macaquista” ou “macaqueiro”, tornou-se frequente entre os opositores das teorias darwinianas e darwinistas, tanto na Europa quanto no Brasil, como em diversas outras partes do mundo onde o darwinismo foi discutido.

Em 9 de dezembro de 1876 no jornal *Bem Publico: Jornal catholico, scientifico e literario*, de redação chefe de José Maria de Sousa Monteiro, em uma reportagem intitulada *Aos macaqueiros*, inspirada, por sua vez, no jornal *Correspondência de Coimbra* de 21 de novembro do mesmo ano, encontramos uma nova sátira anti-darwinista na qual é possível observar: a recusa em aceitar a proximidade entre os seres humanos e os símios; a negação da pré-história humana; e, a desaprovação com relação à origem comum entre os seres vivos.

Entre as plantações de café vegeta um arbusto, cujos frutos existem muito próximos do tronco, e que são cobiçados pelos macacos que fazem grandes estragos nos cafezeiros. Acontece que uma vespa, cuja mordedura é muito dolorosa, escolhe esse arbusto para estabelecer nele o seu domicilio. [...]« Um velho e grande mono, chefe de uma tribo de macacaria, agarrava nos pequenos, e os arrojava com força às vespas, repetindo esta operação muitas vezes, apesar dos gritos e gemidos das pequenas vítimas. As vespas irritadas saciavam a sua ira nos pequenos macaquinhos, e durante esta luta, aliás desigual, o *bom chefe* se apropriava tranquilamente da arvore, colhia os frutos com que se banqueteara entre os seus *bons* companheiros. » (*Bem Publico...*, 9/12/1876, p. 173).

O texto comentou um caso, supostamente nunca antes investigado, ocorrido em uma plantação de café, onde os macacos mais fortes e mais velhos se utilizavam dos mais fracos atirando-os às vespas que habitavam em uma das mais frondosas árvores do entorno, como medida de proteção contra os ataques. A utilização desse caso servia para exemplificar a desigualdade na luta pela sobrevivência, bem como demonstrar que a irracionalidade dos macacos em valer-se dos mais fracos para a obtenção de alimentos em nada poderia ser comparado às ações humanas, consideradas essas últimas como mais elevada expressão da inteligência, da razão e da liberdade.

A exemplaridade desse caso consistia em apresentar aos leitores as diferenças substanciais existentes nos modos de vida dos seres humanos e dos demais animais, especialmente com relação às estratégias de sobrevivência; outra função que o exemplo poderia desempenhar era demonstrar que ao aderirmos aos novos postulados científicos evolucionistas, estaríamos sentenciando a nossa espécie a um tipo de sociabilidade desigual entre os elementos mais fortes em detrimento dos mais fracos, dos mais velhos em prejuízo dos mais novos, ou seja, dos chefes com relação aos subordinados. A função

pedagógica nesse último caso é perceber na Igreja o cimento que nos liga à humanidade, esta última como mais expressiva capacidade criadora de um ser superior e inteligente.

No mesmo periódico, no ano seguinte, apareceu uma nova crônica, de autoria também desconhecida, intitulada *Tolices macaqueiras em Roma e em Coimbra*, na qual são apresentados argumentos contrários às proposições defendidas por um deputado italiano e um professor da Universidade de Coimbra, favoráveis esses últimos às ideias evolucionistas e transformistas.¹⁹ Nota-se aqui a tentativa de associar os intelectuais e cientistas como corruptores morais dos valores modernos. Esse mesmo tipo de crítica foi seguido por outros textos aqui analisados.

Uma outra característica similar observada na recepção do darwinismo na imprensa católica brasileira e estrangeira é a utilização do humor como estratégia de ataque às novas ideias. Com relação ao darwinismo, notou-se que a utilização da associação entre Darwin e seus seguidores aos macacos tinha por objetivo desqualificar o novo modelo de compreensão da vida, sendo os macacos identificados como selvagens e incapazes de qualquer sentimento comum com relação aos seres humanos. Essa mesma associação marcou a recepção do darwinismo na imprensa clerical europeia. Vejamos agora algumas das imagens satíricas publicadas na imprensa europeia de fins do século XIX.

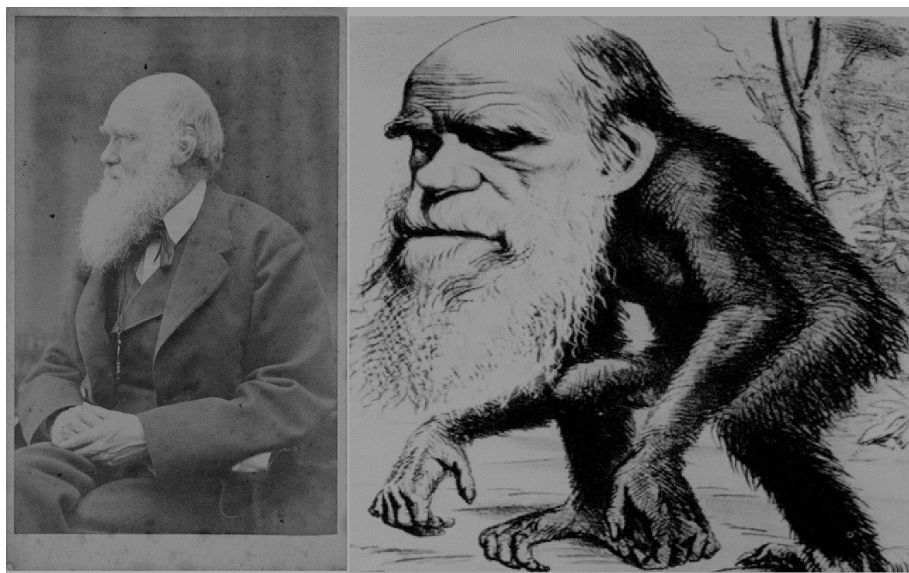


Figura 4: Fotografia de Charles Darwin de 1871, feita por Oscar Gustaf Rejlander e caricatura satírica publicada no mesmo ano.

Fonte: Domínio Público.

¹⁹ Refiro-me à edição de *Bem publico*, publicada em 3 de fevereiro de 1877, na seção de crônicas, páginas 235, 236 e 237.



Figura 5: Caricatura de Darwin publicada em 1874
Fonte: *The London Sketchbook*.

Diante de todos os exemplos até aqui apresentados, é possível concluirmos que, mesmo que houvesse uma oposição às teorias evolucionistas, especialmente no âmbito da orientação católica, havia a tentativa de compreensão das mesmas, ainda que marcada por visões preconcebidas de mundo.

De acordo com Thomas Glick (2003), o forte anseio da elite intelectual e econômica em legitimar as diferenças raciais arrefeceu à recusa total da teoria darwinista, mesmo que estivesse em jogo as próprias bases do conhecimento preestabelecido. O autor afirma ainda que “em todo o mundo latino a recepção do darwinismo causou um afiado debate entre católicos - em particular a alta hierarquia da igreja - e darwinistas, com tendência fortemente anticlerical” (GLICK, 2003, p. 22). A interpretação defendida pelo autor é de que os clérigos latino americanos não negaram totalmente as ideias evolucionistas, adaptando-as às suas conveniências econômicas, especialmente com relação à legitimação da instituição escravista.

Três fatores separados mitigavam a expressão, tão afiada em polarização ideológica, sobre o darwinismo no Brasil. O primeiro era que o Imperador não era de todo contrário a Darwin; o segundo era que os elementos da elite católica foram cooptados em seus pontos de vista pelo evolucionismo poligenista com uma base cientificamente legitimada para a manutenção da supremacia branca. Com essa visão, a elite, mesmo se católica, tinha alguma coisa para ganhar aceitando o programa poligenista da evolução humana. Apesar de incomum, outras elites católicas estavam também atentas a sacrificar seus princípios religiosos se existisse uma boa razão para tal. [...] O terceiro fator, relevante para nosso argumento, é que, no Brasil, havia

simpatizantes do darwinismo no controle das principais instituições: museus de ciências (Ladislau Neto, no Museu Nacional, era simpático ao darwinismo e Emílio Goeldi, no Museu do Pará, era haeckeliano, já von Ihering, em São Paulo, era um evolucionista, mas não um darwinista); em importantes faculdades, como a de Medicina, na Bahia, e a de Direito, no Recife, discutia-se a teoria. (GLICK, 2003, p. 23).

Mesmo que os jornais não possam ser vistos como os principais veículos de circulação de ideias e de exercício real do poder, é certo que no Brasil, em uma sociedade minoritariamente alfabetizada, este veículo exerceu durante o século XIX o papel de uma verdadeira “empresa educativa” (PALLARES-BURKE, 1998)²⁰. Com relação à discussão em torno do monogenismo e do poligenismo, encontramos escassas ocorrências entre os anos de 1870 e 1879, totalizando no valor de 4, em 4 diferentes periódicos, nenhum de orientação clerical. Com relação às décadas seguintes, ou seja, logo após a publicação de *On the origin of species* (1859), não encontramos nenhuma ocorrência para os anos de 1850 a 1869. Somente durante os anos de 1880 a 1889 a discussão reaparecerá em um total de 25 ocorrências, oriundas de 15 jornais diferentes, porém, novamente nenhum de orientação católica. A simples ausência dos conceitos de “poligenismo” e “monogenismo” nos jornais clericais, não significa, entretanto, que essa discussão não tenha por lá aparecido.

A partir dos diversos exemplos aqui arrolados é possível inferirmos que a orientação do clero brasileiro tendeu ao monogenismo. É legítimo aceitar que setores ligados à religião católica, especialmente os professantes da fé, compartilhavam de ideia poligenista; porém não encontramos indícios seguros que nos possibilite afirmar o alinhamento do clero brasileiro com essas ideias. Nos parece antes que a visão adotada foi exatamente contrária ao poligenismo. Essa afinidade do clero brasileiro com as ideias poligenista continua em aberto para posteriores averiguações, mas por hora nos contentamos apenas em afirmar que nos parece mais lícito crer que os agentes aqui analisados, assim como Darwin, eram abertamente monogenistas, sem querer com essa afirmação harmonizar as “visões de mundo” de ambos os lados.

Outro resultado a que chegou Glick é de que, no Brasil, o imperador não era totalmente contrário a Darwin, o que concluiu a partir de uma correspondência assinada por D. Pedro II, disponível no trabalho *História de D. Pedro (1825-1891)* publicado em 1938 por Heitor Lyra. Ao analisarmos o trabalho desse último, não encontramos a referida correspondência. Com relação ao posicionamento de D. Pedro II ao darwinismo,

²⁰ De acordo com a autora, os periódicos exerceram um papel crucial no papel educacional, sem tomarmos como base o modelo de educação formal que temos hoje.

em correspondência de 4 de outubro de 1874, D. Pedro II afirmou a Gobineau²¹ que, “Vós sabeis que não sou Darwinista, e não compreendo mesmo aonde querem chegar esses senhores”. De acordo com o imperador, o problema central da nova teoria estava em demonstrar materialmente, a partir de provas científicas, a origem da espécie humana.

Pois bem, concordo que o “bathybius Haeckelii” tenha sido o seu Adão, mas quem atribuir a Deus?! Não vos ocupeis em combater tais fantasias e enviame sem demora, vossa *Renascença*. Porque falais assim de Quatrefages? É um homem sensato e que prestou bons serviços às ciências naturais (PEDRO II *apud* RAEDERS, 1938, p. 179).²²

O alinhamento de D. Pedro II com as ideias de Quatrefages estavam em desacordo com as ideias de Gobineau, para quem mesmo tendo se importado com os detalhes, o naturalista não passava de um “charlatão” (GOBINEAU *apud* RAEDERS, 1938, p. 183). Ainda com relação ao alinhamento do pensamento de D. Pedro II com as ideias de Darwin, a escritora e ensaísta Lídia Besouchet (1993, p. 34) afirmou que o imperador acreditava que as leis científicas descobertas pelo naturalista inglês engrandeciam à validação da criação divina. Se essa foi de fato a forma encontrada pelo monarca para diluir as contradições entre o pensamento religioso e as novas ideias científicas, isso nos possibilitaria afirmar mesmo que o imperador não era de todo contrário aos novos ensinamentos naturalistas.

Segundo Gastão Galvão de Carvalho Souza (2005), Darwin pouco se referiu à sua teoria como “evolucionista”, optando sempre por “adaptação” e “seleção natural”. Além de evolucionismo, outros termos como, por exemplo, transformismo, materialismo e ateísmo foram utilizados para qualificar as ideias darwinianas e darwinistas, especialmente pelos seus críticos, porém esses conceitos não aparecem em Darwin. Em um importante trabalho da Revista do Instituto Humanitas Unisinos, *Evolução e fé: Ecos de Darwin*, publicado em 2009, os autores concluem que a teoria proposta por Darwin sustenta que não precisamos de nenhuma explicação divina para compreensão do porquê estarmos aqui (JABLONKA et al, 2009). Como sabemos, para Darwin, a existência de um demiurgo, criador de todas as coisas não importava, optando por se

²¹ Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) foi um importante diplomata, escritor e filósofo francês do século XIX. Considerado um dos fundadores do pensamento eugenista.

²² Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau (1810-1892) foi um naturalista francês, considerado um dos maiores críticos do pensamento de Darwin. Tendo publicado *L'Espèce humaine* em 1877, clássico entre os opositores do darwinismo.

apresentar como agnóstico, uma vez que acreditava que a necessidade de uma explicação teológica não satisfazia a realidade das coisas.

A ciência e a fé no contexto intelectual brasileiro

A tentativa de conciliação entre as ideias de Darwin com a ortodoxia cristã foi percebida por Karoline Carula (2014), em *Apontamentos acerca da recepção do Darwinismo no Brasil e no México*, publicado em 2014 na Revista *Intellèctus*. A pesquisadora afirmou que, se observarmos o tratamento do darwinismo nas conferências brasileiras e mexicanas, constatamos que em muitos pontos assemelham-se: emprego de princípios de Haeckel e Lamarck, juntamente com os postulados darwinistas; a polêmica envolvendo a imprensa católica; a extrapolação da análise biológica para questões sociais; o questionamento em torno de provas comprobatórias dos postulados darwinistas; a realização de pesquisas experimentais; a junção do papel criador de Deus e dos pressupostos darwinistas; a análise do casamento consanguíneo a partir dos postulados darwinista; e, a utilização do darwinismo para desqualificação dos povos indígenas. Com relação às divergências, a autora argumentou que, diferente do caso brasileiro, no México ocorreram empreendimentos que tinham como objetivo comprovar que o darwinismo era uma teoria errônea (CARULA, 2014, p. 75-76).

Ao nosso ver, o único ponto elencado como divergente na recepção do darwinismo no Brasil e no México está equivocado. Quando da publicação de *On the origin of species*, Darwin enviou uma de suas edições para Louis Agassiz,²³ um dos mais prestigiados naturalistas europeus e em anexo ainda constava uma carta de apresentação. A reação de Agassiz foi de condenar a obra, que qualificou como “monstruosidade”. Em sua vinda ao Brasil, já na companhia de sua segunda esposa Elizabeth Cary Agassiz, o naturalista suíço empreendeu um projeto de pesquisa de campo que buscava deslegitimar os postulados científicos de Darwin. Financiado pelo milionário estadunidense Nathaniel Thayer, em quem o naturalista dizia encontrar sempre um benfeitor solícito das ciências, dirigiu-se ao Brasil em expedição científica, onde recebeu acolhida e apoio financeiro do próprio Imperador (ROSS, 2013; SOUSA, 2008; 2012; SOUZA, 2005). Dessa forma, poderíamos afirmar que todas as convergências apontadas por Carula (2014), somada

²³ Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873) foi dos mais prestigiados naturalistas, especializado em zoologia e geologia do século XIX. É também considerado como um dos maiores defensores do racismo científico e do criacionismo.

aos empreendimentos de campo a fim de contestar os postulados de Darwin demonstram as enormes similitudes existentes no processo de recepção das novas ideias na imprensa e nos campos científicos de ambos os países.

Foi certamente durante a década de 1880 e 1889 que o discurso darwinista passou a estar cada vez mais presente entre os jornais brasileiros, aumentando substancialmente o número de ocorrências. Entretanto, no que diz respeito aos periódicos clericais, encontramos referências apenas em *O apóstolo...*, a razão é que, em muitos outros jornais clericais que abertamente se discutiu o tema, e sabemos disso pelos críticos anticlericalistas, existe uma enorme descontinuidade dos conjuntos documentais disponíveis. Jornais como *A civilização: Periódico Hebdominário, Órgão dos interesses católicos*, publicado em São Luís do Maranhão, entre os anos de 1881 e 1890, com periodicidade regular, conhecido abertamente por opor-se às “novas ideias”, especialmente o darwinismo e o positivismo, não contém séries completas no banco de dados da Hemeroteca Digital, estando depositado somente pouco mais de 10% de seu montante. Dessa forma, a investigação da recepção do darwinismo durante essa década, tendo o acervo da BN como único repositório, restringe-se ao jornal *O apóstolo...*

É nítido que o clero brasileiro continuou intransigente quanto à aceitação do novo postulado científico, ainda mais reconhecendo a sua popularização entre os setores letrados, o que certamente aumentou os seus temores com relação à desintegração dos alicerces ideológicos e políticos, responsáveis pela manutenção do poder e do *status quo* dos agentes eclesiásticos. Vejamos agora como foram tratadas as ideias darwinistas na imprensa clerical durante os nove últimos anos precedentes à abolição legal do regime escravista, a destruição do Estado Imperial e a “laicização” do Estado brasileiro.

Em uma série de crônicas publicadas em *O apóstolo...*, entre 25 de fevereiro de 1880 e 7 de março do mesmo ano, assinada com o pseudônimo de Danici, de autoria desconhecida, encontramos na seção Variedades um artigo intitulado *O Gênese e o darwinismo: A teoria da evolução refutada pela psicologia*, onde são tecidas críticas à teoria da evolução, a partir da ideia de exclusividade humana de abstração por meio da linguagem. Na primeira parte da crônica percebe-se um certo sarcasmo direcionado a Darwin e aos seus seguidores. O autor posiciona-se desde o princípio em defesa do *Gênese*, conforme o texto bíblico e para tal promete acionar o emergente campo da Psicologia, como forma de atestar seus argumentos. A ideia central, demonstrada logo de entrada era de que a “linguagem” é uma capacidade humana que o assemelha ao ser criador e paralelamente o diferencia de todos os outros seres criados. O autor do texto

demonstra conhecer a ideia monogenista defendida por Darwin e admite que o naturalista inglês chega a conceber a existência de um ser criador no início do processo evolutivo, entretanto, os seus seguidores, como o alemão Ernest Haeckel²⁴, julga tal possibilidade como anticientífica, sendo a fé no *Gênese* caduca, já que todo o processo evolutivo do universo teve início a partir da “geração espontânea”, o qual denominava “Monera”. Esta última versão era largamente abraçada por livres-pensadores, ateus e materialistas, contra os quais o artigo prometia argumentos contestatórios.

Na crônica seguinte o autor defende que o homem é essencialmente diferente dos demais animais pela faculdade da fala. Assim sendo, havia um abismo intransponível entre o homem e os primatas, sendo esses últimos considerados pelo pensamento darwiniano e darwinista como os mais próximos animais em escala evolutiva dos seres humanos. Segundo o autor da crítica, ainda que darwinistas tentem atribuir a outros animais um tipo de comunicação primária, comum também aos homens, eles e o próprio Darwin tinham que reconhecer que o homem é o único ser capaz de traduzir ideias por meio da fala, portanto, as teorias darwinistas tornar-se-iam tão vazias quanto os mitos criadores dos povos Vedas.²⁵

Na terceira e última parte da série de crônicas, o autor argumentou que, diferente dos postulados darwinistas, o homem não seria um “animal aperfeiçoado” e sim um ser criado essencialmente diferente de todas as outras espécies vivas, sendo a fala o testemunho da capacidade abstrativa humana intransitiva para os demais seres vivos. Vemos ao longo das três crônicas uma enorme erudição e constantes citações de autores naturalistas clássicos, inclusive valendo-se de trechos de tais autores, a fim de refutá-los e evidenciar incoerências em seus respectivos discursos, um dos artifícios largamente utilizados pelos críticos daquele período. No entanto, a promessa inicial de que a Psicologia seria acionada para contra argumentar o darwinismo, resume-se tão somente a reconhecer a capacidade de abstração humana, sem maiores aprofundamentos com relação aos intelectuais e conhecimentos desse campo. Uma das características observadas em *O aposto...* entre os anos de 1866 e 1888 era o seu claro apoio às ações do governo imperial, exceto, entretanto, durante o período de disputa entre católicos e

²⁴ Foi um biólogo, naturalista, filósofo, médico, professor e artista alemão. Nasceu em 1834 em Potsdam e morreu em 1919. Foi um dos maiores defensores das ideias evolucionistas entre os alemães, tendo sido o responsável pela tradução de *The origin of species*.

²⁵ Grupo indo-europeu que habitavam os territórios do atual Paquistão e parte da Índia. As práticas religiosas védicas são as precursoras do hinduísmo moderno. Ver: BIANCHINI, 2012.

maçons entre os anos de 1872 e 1873 e a partir de 1888, ano de abolição da escravidão, quando aparecem as primeiras fissuras com relação ao programa do governo. Em uma reportagem, publicada em 22 de julho de 1888, de autoria desconhecida, encontramos uma crítica à participação do Brasil na Exposição Internacional, publicada na nota extraordinária intitulada *Escândalo*:

[...] Mas agora pergunta o público: o que mandará o Brasil para aquela exposição, ou que exporão esses industriais? Onde está a nossa indústria? Quais são as artes que florescem no Império? É sempre a macaquice. Lá irão sacos de café, pedras brutas, coleções de madeiras, vistas topográficas, cartas de geografia vindas da França, ornamentos, descrições e nada mais. Parecemos que entre todas aquelas importantes ofertas de nossa indústria, nenhuma outra brilhará mais do que uma grande coleção de macacos, que não temos poucos, e por isso deve desde já o governo dar suas ordens a todas as municipalidades e presidências de províncias que reúnam o maior número possível desses ascendentes de Darwin e os mande ocupar o pavilhão brasileiro no palácio da dita exposição (*O apóstolo...*, 22/07/1888, p. 4).

A oposição entre os agentes eclesiásticos das decisões tomadas pelo imperador quanto aos artigos a serem expostos no evento refletem uma tensão ainda maior existente entre as bases do governo imperial. No ano seguinte, no mesmo jornal, no dia 13 de setembro de 1889 foi publicado uma crônica, intitulada *Darwinismo*, na qual o(s) autor(es) afirma(m) que,

Virchow! Virchow! – Os leitores conhecem, de certo, este famoso investigador, este antropologista, que ao lado de Darwin, e de tantos outros, tem há longos anos se empenhado em descobrir que nós somos apenas um desenvolvimento dos macacos, ou macacos mais civilizados do que os das florestas, doutrina, da qual tanta gente nossa tem a felicidade e suprema honra de ser sectária, tudo com o fim de dismantelar as doutrinas religiosas que tanto incomodam os perversos (*O apóstolo...*, 13/09/1889, p. 2).

Nota-se que é admitido a popularização do pensamento evolutivo. Outra característica observada é sua obstinada oposição com relação à origem símia dos seres humanos, fator de enorme desagrado entre os anti-darwinistas, sobretudo os agentes eclesiásticos. Não é possível concluirmos os inconvenientes pessoais que a origem comum dos seres humanos poderia causar entre os membros mais esclarecidos da hierarquia eclesiásticas. Certamente a explicação, mesmo que parcial, seja a de que, ao admitida a ancestralidade comum, os membros identificassem ali contradições que colocariam em riscos suas supostas superioridades intelectuais e raciais. Entretanto, outra explicação plausível é que essa ancestralidade comum afastaria o homem de Deus, referência básica para a criação humana. Mas ambas ainda continuam pouco esclarecedoras, sendo possível ainda levantarmos uma terceira possibilidade: a de que a aceitação da proximidade parental dos seres humanos com outros animais, entre eles os

símios, deslegitimaria as escrituras sagradas, único repositório da verdade, e seria por parte da Igreja Católica o primeiro reconhecimento da fragilidade de seus postulados.

Em um valioso estudo sobre a imprensa católica durante o século XIX, Samuel Klauck (2011, p. 133) afirmou que, “[...] durante os séculos de sua existência a Igreja nunca havia sido posta sob tanto conflito quanto no século XIX”. O autor mostrou como a participação dos agentes católicos na imprensa tinha por objetivo manter a coesão da instituição, fornecer amparo espiritual aos fiéis e defender a sua necessidade frente à modernidade. Uma das características mais expressivas de sua defesa era a condenação da “liberdade de imprensa” e de “todas as novidades” (KLAUCK, 2011, p. 138-139). De acordo com Flávio Rodrigues Neves (2013), assim como os intelectuais laicos, os agentes clericais se empenharam em promover suas ideias se utilizando de duas importantes ferramentas: os discursos e a imprensa. O lema seria informar e formar.

Considerações finais

Vimos no decorrer deste artigo que durante a segunda metade do século XIX as teorias formuladas por Darwin animaram os agentes eclesiais e parece ter interessado a diversos públicos consumidores dos jornais brasileiros, o que explicaria parcialmente o aumento nas ocorrências das teorias darwinistas e das defesas anti-darwinistas desenvolvidas pelos clérigos.

A partir dos diversos exemplos aqui analisados é possível afirmarmos que os clérigos brasileiros, tais como a intelectualidade laica, estavam cientes das principais novidades que animavam o campo científico. Entretanto, muitos demonstravam um conhecimento parcial das ideias evolucionistas, especialmente com relação às teorias darwinianas e darwinistas, o que lhes possibilitava inserir-se no debate científico-intelectual.

Vimos também como no seio da intelectualidade católica emergiu um discurso anti-darwinista sustentado a partir da negação da origem comum entre os seres vivos e da imutabilidade das características físicas das espécies. Os agentes eclesiais brasileiros parecem ter buscado reafirmar a ideia de um impulso criador a partir da vontade de um ser supremo – demiurgo. Nessa explicação cosmogônica, os seres humanos haviam sido criados à imagem e semelhança de seu idealizador, não existindo margem para crer-se em criações distintas nem mesmo em transformações da criação original. Dessa forma, os postulados científicos apresentados por Darwin e sustentados

por alguns de seus simpatizantes estariam ligados ao pensamento ateu, materialista e transformista, não existindo possibilidade de conciliação com a ortodoxia cristã. Uma das principais características com relação ao processo de recepção das ideias darwinianas e darwinistas entre os agentes eclesiais brasileiros foi a sua intransigência com relação ao reconhecimento das novas ideias. A partir da participação desses agentes na imprensa periódica, é possível concluirmos que o darwinismo informado era corruptor, sendo esse também o darwinismo, tanto darwiniano quanto darwinista que se tenta formar nas mentes dos seus leitores.

CATHOLIC ANTI-DARWINISM IN THE BRAZILIAN PRESS DURING THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY

Abstract: This article discusses the repercussion of Darwinian and Darwinism ideas in the Brazilian Catholic press of the second half of the 19th century, emphasizing the anti-Darwinist debate advocated by ecclesiastical agents. We will highlight beyond the texts the social and cultural contexts in which Darwinism was received, demonstrating its adaptations as internal needs. One of the main characteristics of the press in the nineteenth century was to educate and inform its reading public, thus, this study assists in the understanding of Darwinism that was informed and sought to form in its readers. We believe that the Brazilian clergy, such as the secular intellectuals, was aware of the main innovation that animates the international scientific field, however, had a partial knowledge of evolutionary ideas, especially related to Darwinian theories.

Keywords: Anti-Darwinism. Charles Darwin. Catholic press.

Referências

BESOUCHET, Lídia. *Pedro II e o século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BIANCHINI, Flávia. “A origem da civilização indiana no Vale do Indo-Sarasvati: Teorias sobre a invasão ariana e suas críticas recentes”. In.: GNERRE, Maria Lúcia Abaurre; POSSEBON, Fabrício (org.). *Cultura oriental: Língua, filosofia e crença*. Vol I. João Pessoa: Editora UFPB, 2012, p. 57-108.

BOWLER, Peter. *The non-Darwinian revolution: reinterpreting a historical myth*. The Johns Hopkins University Press: Baltimore, 1992.

CARULA, Karoline. “Apontamentos acerca da recepção do darwinismo no Brasil e no México”. Rio de Janeiro: *Intellèctus*. Ano XIII. n. 2. 2014, p. 50-78.

DAWKINS, Richard. *O maior espetáculo da Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GLICK, Thomas. “Introdução”. In.: DOMINGUÊS, Heloisa; SÁ, Magali; GLICK, Thomas (org.). *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

JABLONKA, Eva; DENNETT, Daniel; HAUGHT, John. *Evolução e fé: Ecos de Darwin*. Rio Grande do Sul: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ano IX, 2009.

KLAUCK, S. “A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX”. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 12, n. 29, 14 jul. 2011.

LYRA, HEITOR. *História de D. Pedro II (1825-1891)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

MARTINS, Karla Denise. Civilização Católica: D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX. *Revista de História Regional*. n. 7, vol.1, pp. 73-103, 2002.

NEVES, Flávio Rodrigues. “A voz e a pena a serviço da Igreja: A imprensa católica e a ampliação da esfera pública no Rio de Janeiro no final do século XIX”. Ouro Preto: *9º Encontro Nacional de História da Mídia*, 2013.

PALLARES-BURKE, Maria. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Cad. de Pesq.* V. 104. São Paulo: USP, 1998.

RAEDERS, Georges. *D. Pedro II e o Conde de Gobineau*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SOUZA, Gastão Galvão de Carvalho. *A última carta de Louis Agassiz ao Imperador Pedro II: O testemunho de uma angustia*. Londrina: ANPUH, 2005.

ROSS, Michel. “Agassiz or Darwin: Faith and science in Hemingway’s high school zoology class”. In.: *The Hemingway review*. Idaho: Universidade do Idaho, 2013.

SOUSA, Ricardo Alexandre S. de. *Agassiz e Gobineau: As ciências contra o Brasil mestiço*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2008.

_____. *Capistrano de Abreu: História Pátria, cientificismo e cultura*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2012.

SOBRE O AUTOR

Raick de Jesus Souza é mestre em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ); professor do pré-enem do Programa de Extensão Territorial de Biotecnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Recebido em 01/11/2019

Aceito em 31/03/2020